

REVISTA **CulturAçores** de CULTURA



Desafios e respostas

A Cultura insular
em tempo de pandemia



Domingos Rebêlo

Obra Artística no
Museu Carlos Machado

Desvendar

Coleção ARQUIPÉLAGO



Património Subaquático Açoriano

Marca Europeia da Cultura

Rede de Museus e Coleções

A Água em exposição virtual



janeiro-junho 2020
N.º 12



CulturAçores

é o que nos dá combatividade e nos impele a **existir intensamente**.

Madalena San-Bento

Pág. 10

com ferramentas existentes e **novas competências**.

Lia Gomes

Pág. 27

têm esta surpreendente **capacidade** de resgate **emocional**.

Cláudia Cardoso

Pág. 30

um **espaço** físico, de compromisso, de comprometimento e **de cumplicidade (...)**.

Jorge A. Paulus Bruno

Pág. 43

enquanto espaços **vocacionados para a construção da ideia de coletivo (...)**.

Luís Menezes

Págs. 55/56

enformada **pela onnipresença do mar e pelas actividades sísmica e vulcânica (...)**.

Igor França

Pág. 122

(...) **temos**, no nosso ADN, o gene da **cultura**. E a cultura, aquilo que somos ou podemos ser **para além dos factos** aparentemente consumados,

Face à pandemia, **a cultura tem** a oportunidade de se reinventar,

(...) como é sabido, a arte e **a cultura**, a literatura em particular,

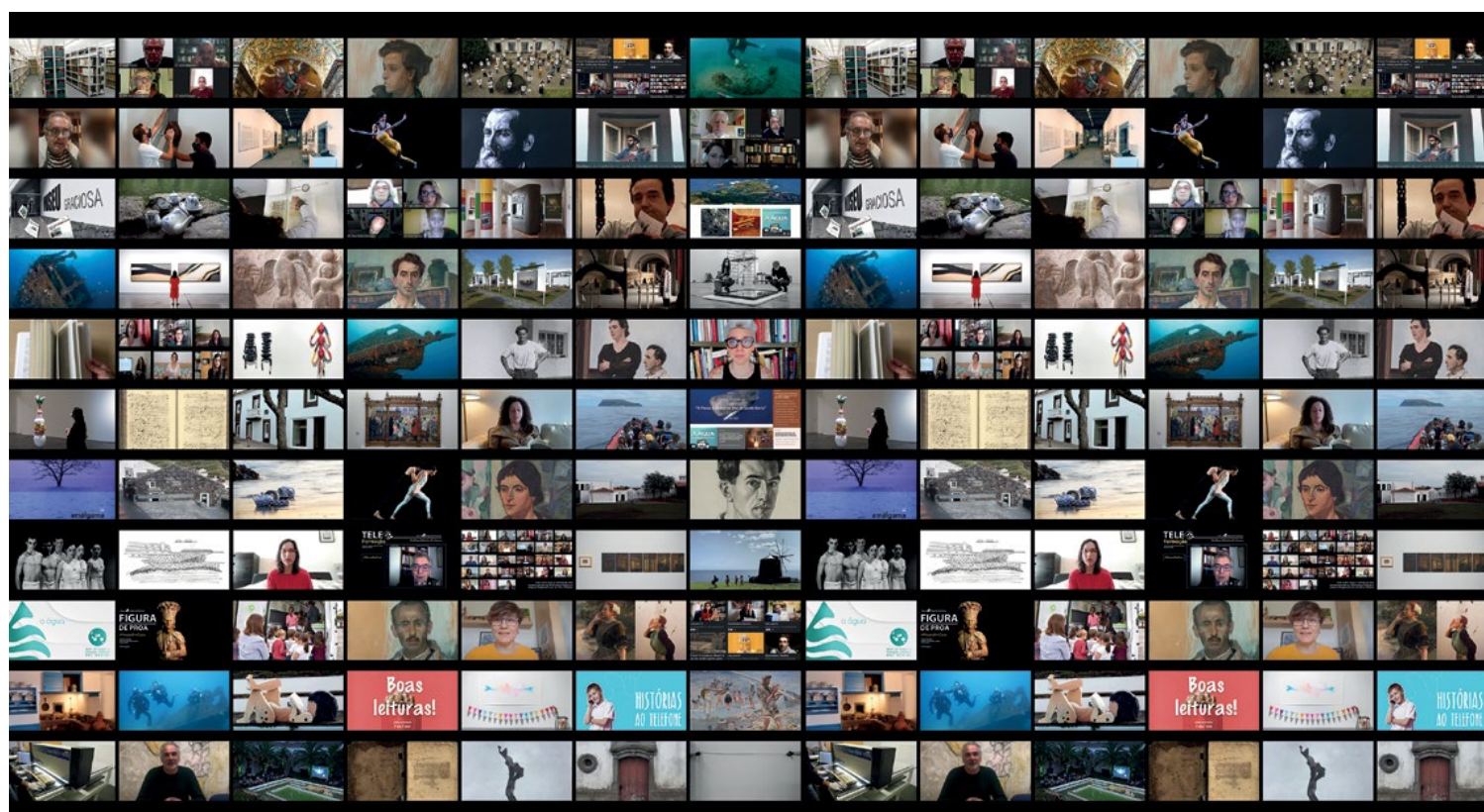
(...) um museu nunca se poderá reduzir a uma dimensão virtual. **Um museu** é, e **será sempre**,

No esteio da crise provocada pela Covid-19, (...) **interrogamo-nos sobre qual o sentido da vida** na sua ampla aceção, **como também do próprio museu**, (...)

A **cultura açoriana** foi moldada por uma vivência multissecular,

REVISTA **CulturAçores**
de CULTURA
N.º 12
janeiro-junho 2020

Secretaria Regional da Educação e Cultura
Direção Regional da Cultura



CulturAçores Revista de Cultura

N.º 12 janeiro - junho 2020
Publicação semestral

Título

CulturAçores – Revista de Cultura

Propriedade

Secretaria Regional da Educação e Cultura
Direção Regional da Cultura

Edição

Direção Regional da Cultura

Palacete Silveira e Paulo

Rua da Conceição

9700-054 Angra do Heroísmo | SSN: 2183-4164

Terceira - Açores

Telf.: 295 403 000 Fax: 295 403 011 200 exemplares

Internet: www.culturacores.azores.gov.pt

Diretora

Susana Goulart Costa

Coordenação Editorial/Design

Humberta Augusto | Direção Regional da Cultura

Revisão

Direção Regional da Cultura

Impressão

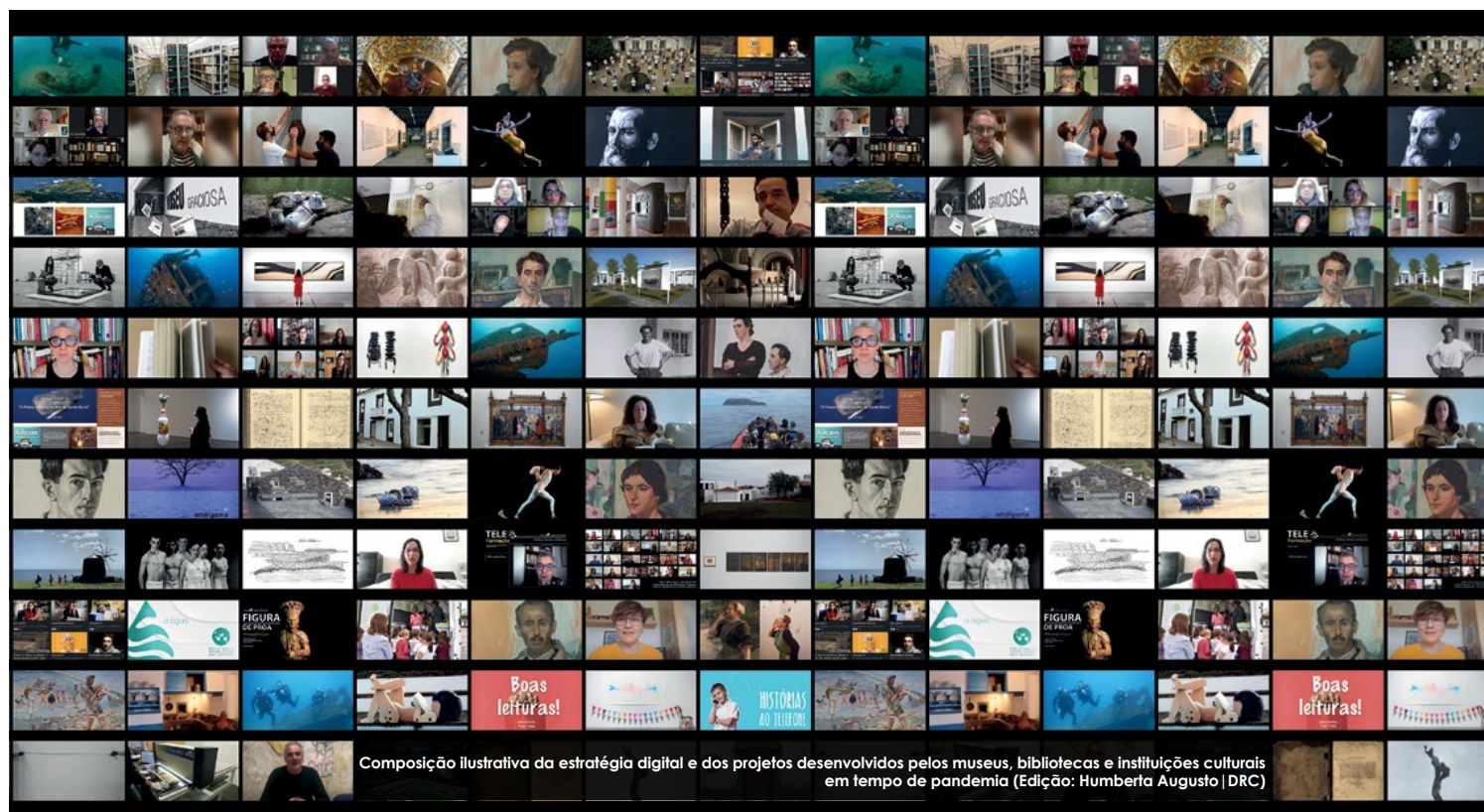
Coingra – Companhia Gráfica dos Açores

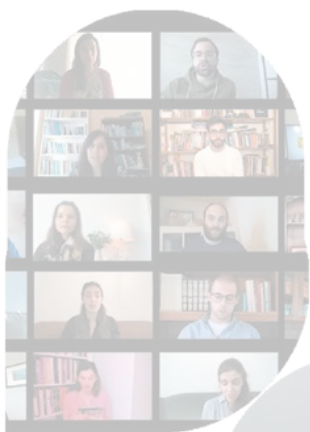
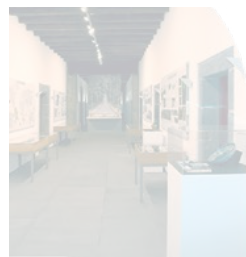
Depósito Legal: 387596/15

200 exemplares

Todos os direitos reservados.

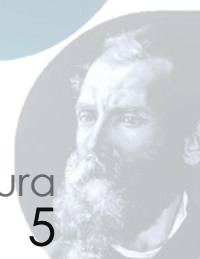
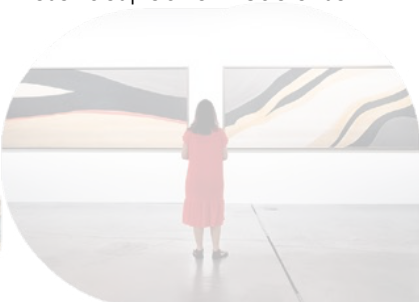
O conteúdo desta publicação não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, sem a





- 6-7 Políticas colaborativas| Há Cultura e à Cultura!**
Susana Goulart Costa|DRC
- 8-14 A Missão das Bibliotecas| Ligações Eternas**
Madalena San-Bento|Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
- 15-20 A Vida do Livro|Etapas de um remédio d'Alma por quem entende de alquimia**
Iva Matos|Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
- 21-27 Exposição Cerâmica da Lagoa|A Cultura via digital em tempos de pandemia**
Lia Gomes
- 28-34 Os desafios da Cultura na Pandemia| O Mundo Novo das Bibliotecas ou da impossibilidade de confinar a criatividade**
Cláudia Cardoso|Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Luís da Silva
- 35-37 Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça|O Arquivo de Portas Abertas ou o modo como a Biblioteca tentou fintar a pandemia**
Luís Sousa|Bruno Rodrigues|Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça
- 38-44 Restrições e desafios|O Museu de Angra do Heroísmo em tempo de confinamento**
Jorge A. Paulus Bruno|Museu de Angra do Heroísmo
- 45-50 Museu do Pico em tempo de pandemia| A arte da sobrevivência**
Manuel Costa Jr.|Museu do Pico
- 51-57 Museu da Horta|O lugar do Museu no círculo infernal da pandemia COVID-19**
Luís Menezes|Museu da Horta
- 58-62 A Reviravolta e repensar|A pandemia no Museu Francisco de Lacerda**
Virgínia Neto|Museu Francisco de Lacerda
- 63-66 Os primeiros seis meses de 2020| A resposta do Museu da Graciosa à pandemia**
Jorge A. Cunha|Museu da Graciosa
- 67-70 Museu de Santa Maria|Os desafios da Cultura na pandemia**
João Santos|Museu de Santa Maria
- 71-75 O Museu das Flores|Em tempos de pandemia**
Luís Filipe Vieira|Museu das Flores
- 76-82 O caso do Ecomuseu do Corvo| Os desafios da Cultura perante a pandemia**
Andreia Silva|Luís Godinho|Ecomuseu do Corvo

- 83 Publicidade Institucional
- 84-97 Domingos Rebêlo|Obra Artística (1905-1947)
Sílvia Massa|António Pacheco
Museu Carlos Machado
- 98-103 45 anos depois da sua morte|
Uma casa aberta para o espólio
de Domingos Rebêlo
Pedro Rebêlo, Luís Rebêlo
- 104-111 Desvendar|Uma mostra
da coleção ARQUIPÉLAGO
Diogo Aguiar|Álvaro Miranda|ACAC
- 112-119 Exposição virtual da RMCVA|Conversar
sobre a Água em tempos fora do comum
Francisco Maduro - Dias | Rede
e Coleções Visitáveis dos Açores
- 120-123 Desafio|Três Perguntas/Respostas|
Pensar a Cultura d(n)os Açores
Norberta Amorim|Igor França
- 124-129 Temporada Artística|Companhia Nacional
de Bailado dançou Hans van Manen
Direção Regional da Cultura
Resendes|Teatro Micaelense
- 130-134 European Heritage Label|Património
Cultural Subaquático dos Açores
José Luís Neto|Divisão do P
Móvel e Imaterial e Arqueológico
- 135-137 Programa Ler Açores|
Promover a leitura em rede
Susana Goulart Costa|Direção
Regional da Cultura
- 138-141 Livros dos Extintos Conventos do Distrito
da Horta|A digitalização como
forma de conservação preventiva
Assunção Melo|Centro de
Conhecimento dos Açores
- 142-143 Conventos do antigo Distrito da Horta|
Os livros de conta s
Luís Sousa|Biblioteca Públi
Regional João José da Graça
- 144-149 Refletir a edificação|12. em Arquitetura
do Ramo Grande
Maria Rodrigues, Rodrigo C
e Mariana Sá
- 150-154 Edições DRCando
ANTERO HOJE – Atas das I Jornadas
Anterianas
Avelino Meneses
- 155-158 Os Xailes Negros
Maria Pavão
- 159-166 Amálgama
Carla Veríssimo e Juan Pedr
Associação Cultural Burra c
- 167-168 CulturAçores|Estatuto|Contactos



Menos é mais

12. Arquitetura do Ramo Grande

Valorização da Identidade da
Casa Rural de Carácter Urbano

Patologias correntes e propostas corretivas

Texto: Maria Mancebo Rodrigues, Rodrigo Coelho e Mariana Ramos Moreira e Sá
Fotos e Desenhos: Maria Mancebo Rodrigues



Composição central do alçado
de uma Casa do Ramo Grande.

As características que sobressaem destas estruturas estão presentes na implantação, no desenho de alçado, na organização interior e no tipo de construção.

O presente texto resulta de uma investigação realizada no âmbito da Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em novembro de 2019, que se centrou no estudo e compreensão da arquitetura do Ramo Grande. Nesse contexto, foi desenvolvida uma possível proposta de requalificação para uma "casa do Ramo Grande" que, atualmente, apresenta um estado de degradação avançado e intervenções que não revelam consciência do seu valor patrimonial.

Identifica-se como arquitetura do Ramo Grande o conjunto de casas rurais localizadas nas freguesias pertencentes e adjacentes àquilo que se considera ser a Planície do Ramo Grande, na ilha Terceira, construídas após o sismo de 15 de junho de 1841. Neste

sentido, estas casas surgem num intervalo de transformações sociais e económicas, associado ao período posterior à lei de extinção dos morgadios em Portugal, de 1864.

Esta linguagem arquitetónica deve ser entendida como a de uma *casa rural de carácter urbano*, que reinterpreta elementos construtivos, estruturais, ornamentais, bem como a organização interior, visíveis nas tipologias construídas anteriormente, mas sendo exemplar na reunião de todos eles numa nova estrutura arquitetónica. Estes aspetos são caracterizados por José Silvestre Ribeiro que, durante a reconstrução da "Segunda Caída da Praia", procurou criar um "enunciado"¹ que fosse utilizado em todas as tipologias habitacionais, estabelecendo uma homogeneidade arquitetónica para a paisagem terceirense².



Detalhe dos alçados principal e lateral de uma Casa do Ramo Grande.



À esquerda: Vista do lar de uma Casa do Ramo Grande; à direita: Passadiço da habitação.

A Arquitetura Popular na Ilha Terceira: A Arquitetura do "Ramo Grande"

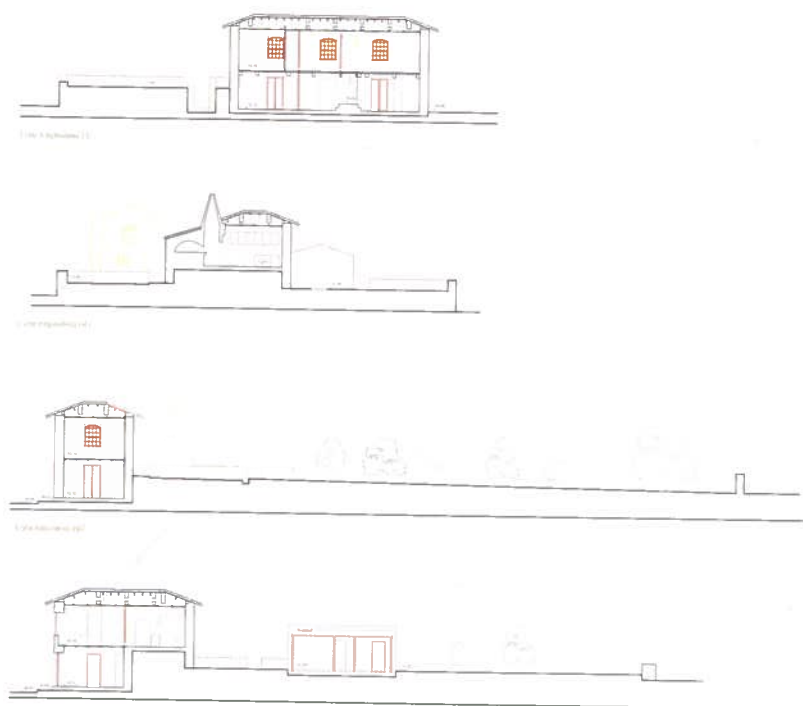
Partindo de uma interpretação reflexiva³ sobre o processo evolutivo tipológico destas estruturas, sugere-se que a casa rural terceirense tenha surgido na paisagem sob a forma de "casa de planta elementar"⁴, como "núcleo habitacional" originário de todas as tipologias rurais posteriores. Admitimos, assim, que a casa de planta elementar tenha evoluído para a "casa de planta intermédia"⁵. Esta tipologia foi criada, no âmbito deste trabalho de investigação, por não existir uma designação arquitetónica que correspondesse às casas com características que a identificassem.

O modelo intermédio terá evoluído para a "casa de planta linear" que, posteriormente, cresce para a "casa de planta inte-

grada" e para a "casa de planta complexa". Propomos que seja no seguimento da interpretação da linha evolutiva da tipologia complexa que surge a "arquitetura do Ramo Grande", subdividindo-se em duas variantes: as casas de planta linear e as de planta linear em "L". Ambas foram idealizadas e aprofundadas pela inexistência de designações que caracterizassem as habitações pertencentes a estas subtipologias.

As características que sobressaem destas estruturas estão presentes na implantação, no desenho de alçado, na organização interior e no tipo de construção. Contudo, deve realçar-se que é a reunião de todas estas características que permite a sua classificação.

No que diz respeito à implantação, as "casas do Ramo Grande" encontram-se



Cortes longitudinais e transversais do edificado a construir (a vermelho) e a demolir (a amarelo).

"pousadas" no terreno, "independentes" da topografia do lugar onde se implantam. Outras encontram-se encastradas no terreno, tirando proveito da sua pendente para incorporar o piso superior.

O desenho do alçado principal apresenta uma composição tripartida, característica que nasce da definição das "linhas de força" e "linhas de abertura" da casa, onde é integrado um óculo que ilumina a caixa de escadas. Esta tipologia diverge das anteriores por esta composição e por não apresentar variantes com balcão⁶.

Em relação à sua organização interior, dividida em dois pisos, difere das tipologias precedentes no número de divisões e na hierarquização dos espaços interiores. Assim, esta tipologia alterna entre três e quatro espaços no piso superior, enquanto que

as casas pertencentes à tipologia complexa oscilam entre três a seis espaços.

Na organização interna das "casas do Ramo Grande", a zona noturna, de carácter privado, corresponde apenas a um quarto, separado da zona diurna pela caixa de escadas, distinguindo-se, uma vez mais, das casas de planta complexa, que podem conter mais do que um quarto na zona noturna.

Outros elementos que sobressaem na tipologia do "Ramo Grande" estão relacionados com os métodos construtivos que permitem maior estabilidade e durabilidade das casas. Assim, a casa é composta por dois sistemas complementares: a massa exterior, estrutural, em alvenaria de pedra, e o miolo interior, em estrutura de madeira.



Planos de sobreposições do piso térreo, do piso superior e da cobertura do edificado existente a construir (a vermelho) e a demolir (a amarelo).

Realça-se, igualmente, que a arquitetura do Ramo Grande deve ser compreendida como uma arquitetura antissísmica. As "casas do Ramo Grande" são construídas sobre um "tabuleiro", em cantaria, que nivela o local de construção e que evita o contacto direto entre a casa e o solo. Na composição exterior, o lambrim deve ser entendido como um prolongamento do embasamento, onde a casa assenta. Os cunhais são reforçados pelo cruzamento de pedras de cantaria entre si e as paredes estruturais apresentam maior zelo construtivo, utilizando alvenaria cuidadosamente talhada com argamassa.

Valorização da Identidade de uma "Casa do Ramo Grande": Uma Proposta de Intervenção

Um dos objetivos que estimulou o desenvolvimento deste trabalho prendeu-se com a vontade de recuperar as caracte-

rísticas originais de uma "casa do Ramo Grande" e de as complementar com uma proposta de intervenção arquitetónica que respondesse às necessidades atuais e às formas de habitar contemporâneas. A proposta desenvolvida mostra que as casas pertencentes a esta tipologia apresentam uma composição espacial polivalente, uma organização interior que se mantém funcional, bem como uma construção sólida e duradoura. Comprova, também, que é possível conjugar um novo programa com a organização espacial existente, sem anular as linhas identitárias do elemento sujeito à intervenção.

Os princípios orientadores que conduziram esta proposta de intervenção resumem-se em três pontos: o que "retirar"; o que "preservar"; e o que "acrescentar". O primeiro ponto procura eliminar qualquer elemento que tenha descaracterizado a composição espacial desta estrutura, bem

como o desenho de alçados, aspetos singulares da tipologia original da casa. O segundo procura manter os espaços originais existentes e recuperar a compartimentação interior original permitindo, consequentemente, o restauro da hierarquia na organização interior dos espaços. O terceiro ponto foca-se na identificação dos possíveis elementos a adicionar à nova organização da casa, que respondam à vontade e necessidades dos proprietários, mas sem comprometer a identidade e a

memória desta arquitetura, garantindo a sua valorização.

Para o futuro ficam várias linhas de trabalho a desenvolver, como sejam, o alargamento da amostra e estudo das tipologias rurais terceirenses, assim como a concretização de projetos de intervenção em "casas do Ramo Grande", que se encontrem em estado de degradação avançado ou sob intervenções pouco informadas, tendo como base os princípios orientadores de projeto aqui referidos.

Um dos objetivos (...) prendeu-se com a vontade de recuperar as características originais de uma "casa do Ramo Grande" e de as complementar com uma proposta de intervenção arquitetónica que respondesse às necessidades atuais (...).

Notas

¹ José Silvestre Ribeiro (1807-1891) foi o Governador Civil de Angra do Heroísmo, tendo-se distinguido pela forma como conduziu, na ilha Terceira, o processo de reedificação das freguesias afetadas pelo sismo de 15 de junho de 1841. As casas reedificadas segundo o plano do governador deveriam ficar (...) simétricas em todas as suas proporções, e uniformes quanto for possível na altura em cada uma das ruas, in Félix José da Costa Júnior, José Ignácio d'Almeida Monjardino, Francisco Ferreira Drummond, *Memória Histórica do Horível Terramoto de 15.VI.1841 que Assolou a Vila da Praia da Vitória*, p. 94.

² Lugar onde se verifica a presença constante de certas características arquitetónicas, tais como as janelas de guilhotina com molduras de verga curva, o posicionamento particular das casas, em relação à via principal, ou a repercussão da organização interior, no desenho de alçado, entre outras.

³ Desenvolvida na Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

⁴ A casa de planta elementar corresponde a uma tipologia térrea, que se desenvolve num espaço quadrangular, com todas as funções habitacionais condensadas apenas num só compartimento.

⁵ A casa de "planta intermédia", comumente designada por "palheiro", surge com o propósito de aumentar o espaço habitacional da casa de planta elementar. Esta tipologia térrea organiza-se em dois ou três espaços interiores, comunicantes entre si, divididos por "esteiras" ou paredes em "capa e camisa".

⁶ Considera-se como balcão um elemento de transição que "interfere" com a entrada da casa, ou seja, se houver uma alteração de cota para se entrar em casa, então estamos na presença de um balcão; caso contrário, será apenas um espaço de transição, murado, entre o interior e exterior.

No próximo número:

Refletir a edificação

13. Muro, para que te quero